



O CASO ELOÁ: ANÁLISE DA ABORDAGEM DE FEMINICÍDIO NA MÍDIA

Cynthia Semíramis Machado Vianna¹

1 Introdução

Este trabalho analisa a abordagem do feminicídio na mídia a partir do caso Eloá, ocorrido em Santo André (estado de São Paulo) em outubro de 2008, no qual a adolescente Eloá Cristina Pimentel foi mantida em cárcere privado e depois morta pelo ex-namorado.

Este caso foi escolhido por sua complexidade: prolongou-se por vários dias, foi avidamente acompanhado pela mídia e, principalmente, sofreu interferência dos meios de comunicação. Destacaram-se na cobertura os sites de notícias na internet e os programas de televisão, constantemente atualizados com a evolução do caso. Porém, se a internet destacou-se ao fornecer notícias em primeira mão, quase dois anos depois é difícil encontrar esse conteúdo, já que muitos *links* se quebraram, e várias notícias foram alteradas, prejudicando o entendimento da situação. Na medida do possível essas informações foram recuperadas de forma indireta, por meio de artigos de opinião que analisaram o caso na época em que aconteceu.

Optou-se pela abordagem a partir do feminicídio porque sabe-se que uma grande causa de lesões corporais e morte de mulheres está nas agressões feitas por parceiros e ex-parceiros, como na amostra encontrada por Wânia Izumino². Pesquisa do Ibope/Instituto Avon³ indicou que um dos motivos mais fortes que levam uma mulher a não abandonar o agressor é o medo de ser morta se a relação for rompida; esse medo foi mais citado por pessoas de menor poder aquisitivo, menor escolaridade e pessoas mais jovens.

No entanto, a postura dos meios de comunicação, ao focar apenas no caso que está sendo divulgado, busca minorar essa situação, fazendo crer que se trata de uma fatalidade, um crime “*passional*” isolado. Essa visão é encampada inclusive por policiais e membros do poder judiciário,

1Cynthia Semíramis Machado Vianna é bacharel (UFMG) e mestra (PUC-MG) em Direito. Pesquisa direitos das mulheres, é professora dos cursos de especialização da Escola Superior Dom Helder Câmara e editora do site <http://cynthiasemiramis.org>

2Dos 62 casos de lesões corporais sofridas por mulheres, 51 deles foram cometidos por companheiros; dos 13 processos de homicídio e 8 de tentativa de homicídio, só dois casos não foram cometidos por companheiros das vítimas (um deles envolveu mãe e filho, e o outro envolveu tia e sobrinho). IZUMINO, Wânia Pasinato. *Justiça e violência contra a mulher: o papel do sistema judiciário na solução dos conflitos de gênero*. 2ed. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2004. p.107-108.

3PESQUISA IBOPE-INSTITUTO AVON. Percepções e reações da sociedade sobre a violência contra a mulher. 2009. p.8-10. Disponível na internet em < <http://www.sepm.gov.br/nucleo/dados/pesquisa-avon-violencia-domestica-2009.pdf> > Acesso em 15 jun 2010.



que abordam esses casos como uma sucessão de fatalidades isoladas, esquecendo-se de observar o quadro geral de violência contra mulheres, o qual indica um problema de gênero.

2. *Feminicídio e violência contra mulheres*

Diana Russell e Jill Radford editaram um livro que é referência para os estudos de violência de gênero. Quando Diana Russell e Jane Caputi⁴ definem o termo feminicídio como algo que vai além da misoginia, criando um clima de terror que gera a morte da mulher a partir de agressões (como abuso físico e verbal, estupro, tortura, escravidão sexual, espancamentos, assédio sexual, mutilação genital e cirurgias ginecológicas desnecessárias, proibição do aborto e contracepção, cirurgias cosméticas, negação da alimentação, maternidade, heterossexualidade e esterilização forçadas), elas dão à morte de mulheres uma dimensão política e permitem uma análise mais precisa de ações sobre o corpo feminino para fins de subjugar-las, além de caracterizar essas condutas como semelhantes às de crime de ódio.

Rita Segato⁵ acrescenta a esses conceitos dois eixos de atuação, relacionados ao agressor, sua vítima e seus pares. No eixo que denomina vertical ela inclui a relação assimétrica entre agressor e vítima, enquanto que no eixo horizontal se encontram as relações entre agressor e seus pares, uma “irmandade masculina” na qual todos trabalham para manter a simetria de suas relações, mesmo que com isso precisem reforçar a assimetria das relações verticais.

Cabe lembrar ainda o papel do poder Judiciário na perpetuação desse sistema de violência. Como observa Wânia Pasinato Izumino, este poder tem se destacado como reprodutor de desigualdades. Citando outros estudos, com os de Mariza Corrêa, Danielle Argailon e Guita Debert, conclui que os responsáveis por fazer justiça valorizam mais a “*adequação do comportamento dos envolvidos aos modelos de comportamento socialmente elaborados, do que ao crime tal como enquadrado no Código Penal*”⁶

Pode-se considerar que este comportamento é reflexo da abordagem midiática, que valoriza mais a repercussão da notícia e as relações morais do que o respeito à legislação, até porque não há na formação de jornalistas um apreço pela abordagem focada em direitos humanos.

3 *O caso Eloá*

4CAPUTI, Jane; RUSSELL, Diana. Femicide: sexist terrorism against women. In: RADFORD, Jill; RUSSELL, Diana (org). *Femicide: the politics of woman killing*. New York: Twayne Publishers, 1992. p.15

5SEGATO, Rita Laura. *Que és un feminicídio. Notas para un debate emergente*. Brasília: UnB, 2003. p.4-5.

6IZUMINO, Wânia Pasinato. *Justiça e violência contra a mulher: o papel do sistema judiciário na solução dos conflitos de gênero*. 2ed. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2004. p.30-31.



Eloá Cristina Pimentel tinha 15 anos e morava em Santo André, cidade do estado de São Paulo. Lindemberg Alves, de 22 anos, era seu namorado havia três anos. Ele terminou o namoro, se arrependeu e quis reatar a relação. Eloá não quis retomar o namoro. Lindemberg, inconformado, invadiu o apartamento onde Eloá morava, fazendo-a refém junto com mais três colegas de escola: Nayara Vieira e outros dois garotos, sendo que estes foram libertados por Lindemberg; Nayara foi libertada no dia seguinte, mas acabou retornando ao apartamento alguns dias depois, permanecendo ali até o desfecho do caso. O cárcere privado de Eloá ocorreu do dia 13 ao dia 17 de outubro de 2008, contabilizando 100 horas, só terminando quando a polícia invadiu o apartamento. Durante a invasão da polícia Lindemberg atirou em Eloá (púbis e cabeça) e Nayara (rosto) antes de ser dominado e preso. Nayara sobreviveu, apesar dos ferimentos. Eloá morreu no dia 18 de outubro e seus órgãos foram doados.⁷

Em outubro de 2009, um ano após a morte de Eloá, foi divulgada nota afirmando que havia disputa entre alguns meios de comunicação para fazer entrevista exclusiva com Lindemberg Alves⁸. Os advogados de Lindemberg negaram essa possibilidade⁹. O descaso com a vítima mulher fica evidente, posto que nitidamente há uma valorização do homem que mata a mulher, tornando-o famoso por ter cometido um crime.

3.1 Interferência dos meios de comunicação

A interferência dos meios de comunicação marcou este caso. Desde o início, houve ampla cobertura da mídia, com muitas reportagens ao vivo, e a repercussão fez aumentar a audiência de diversos programas de televisão¹⁰.

Um deles, especificamente, se destacou por ter exibido ao vivo uma entrevista com Lindemberg, feita por telefone. O programa é o “A tarde é sua”, da RedeTV, apresentado pela jornalista Sônia Abrão. Criticada posteriormente, ela respondeu¹¹ que “*apenas fez o seu trabalho*”, que queria acalmar Lindemberg e dar a ele o que a polícia não poderia dar: “*conversar com o*

7A cronologia do caso pode ser encontrada em matéria não assinada da FOLHA ONLINE. *Veja cronologia de caso de jovem que manteve ex-namorada refém em Santo André (SP)*. 24 out 2008. Disponível na internet em < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u457514.shtml> > . Acesso em 15 mai 2010.

8FOLHA ONLINE. *Outro Canal: TVs disputam entrevista com acusado do caso Eloá*. 06 out 2009. Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u633990.shtml> > . Acesso em 01 jun 2010.

9FOLHA ONLINE. *Ooops!: Assassino de Eloá nega entrevista a Cabrini*. 19 out 2009. Disponível na internet em < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u640043.shtml> > Acesso em 01 jun 2010.

10FOLHA ONLINE. *Tragédia de Eloá aquece audiência e tira TV do traço, diz coluna*. 21 out 2008. Disponível na internet em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u458381.shtml>> Acesso em 20 jun 2010

11TEREZA NOVAES. *"Não fiz nada além do meu trabalho", diz Sonia Abrão*. Folha online, 18 out 2008. Disponível na internet em < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u457780.shtml> > Acesso em 20 mai 2010.



Brasil”, mandar recados para a família. Afirmou ainda que Lindemberg “*estava preocupado com a opinião pública*” e que “*ele queria deixar claro que ele estava se comportando lá dentro*”.

Na entrevista exibida no programa “A tarde é sua”¹², o repórter Luiz Guerra conversa com Lindemberg por telefone. Ele se apresenta como repórter do programa da Sônia Abrão, diz que é amigo da família e que a mãe de Lindemberg quer saber como ele está. Afirmar categoricamente: “*a gente que saber se está tudo bem com você, a nossa preocupação é com você*”. Em vários momentos chama Lindemberg de “filho” e de “querido”. O repórter também fala com Eloá, perguntando se “*está tudo bem*”, se “*está tudo tranquilo*” e se Lindemberg “*está a tratando bem*”. Depois de cerca de sete minutos de entrevista, Sônia Abrão diz que Lindemberg está prestes a se entregar, mas quer cobertura maciça da imprensa para evitar que algo ruim aconteça a ele, e passa a conversar com o advogado Ademar Gomes, um dos convidados do programa. Ele afirma ser otimista e esperar que a situação “*termine em pizza*”, com um casamento futuro entre Lindemberg e a “*namorada apaixonada*” dele; o convidado ainda reforça o discurso de que o rapaz é jovem, e a paixão o desequilibra, mas que eles vão superar isso e ter um final feliz.

Este vídeo, por si só, impressiona tanto pelo atrevimento de fazer uma entrevista em uma situação tão delicada (e sem autorização da equipe policial que estava gerenciando o caso), quanto por defender o agressor e fazer perguntas que Eloá não pode responder com sinceridade (como uma pessoa mantida em cárcere privado vai dizer que está tudo bem?) A participação do advogado é um exemplo claro de falta de empatia e do patriarcalismo, legitimando mais uma vez a cultura feminicida: ele ignorou o sofrimento da refém, a negativa dela em manter o relacionamento, e ainda fez votos de que o caso terminasse em casamento (obviamente, sem condenação criminal do agressor). Tamanha falta de respeito e empatia pela vítima de um crime jamais deveria ser incentivada por profissional algum, nem divulgada sem ressalvas.

3.2 A atuação dos policiais e do Ministério Público divulgada pela mídia

A atuação dos policiais durante o caso deve ser criticada especialmente em relação à grande preocupação, partilhada pela imprensa, em manter a integridade física de Lindemberg. O promotor Augusto Rossini, que acompanhou as negociações, assinou nota de próprio punho garantindo

12A TARDE É SUA. *Entrevista de Luiz Guerra com Lindemberg Alves. Entrevista de Sônia Abrão com Ademar Gomes*. Rede TV. out 2008. Disponível na internet em < <http://www.youtube.com/watch?v=NZp3VU1rPWg> > Acesso em 01 jun 2010.



esforços para a manutenção da integridade física de Lindemberg¹³. O coronel Eduardo Félix, comandante da operação, chegou a afirmar que “*por se tratar de um jovem, com uma decepção amorosa, a nossa opção era esgotar todos os meios de negociação e tentar cansá-lo*”¹⁴ e, ao ser questionado, afirmou que “*poderíamos ter dado um tiro de comprometimento, mas era um rapaz de 22 anos, sem antecedentes criminais, vivendo uma crise amorosa*”¹⁵.

A mesma preocupação não se verifica em relação a Eloá. Nayara, ao ser libertada, contou que Lindemberg havia agredido Eloá no cativeiro. Vizinhas também contaram que Eloá gritava e reclamava que não aguentava mais ser agredida e ver a amiga Nayara sob a mira de uma arma¹⁶. O próprio coronel Eduardo Félix sabia que Eloá vinha sendo submetida a agressões quando afirmou que Nayara era o ponto de equilíbrio das negociações, pois intermediava as discussões constantes entre Eloá e Lindemberg¹⁷.

Note-se que, enquanto os homens seguiam a relação horizontal descrita por Riga Segato, procurando proteger um homem agressor, as mulheres perceberam a sua fragilidade e se incomodaram, embora não tivessem poder para modificar a situação.

Apesar de a Constituição da República pregar a igualdade e vedar a discriminação, seja qual for a sua forma, o que foi visto na atuação das autoridades e da imprensa foi uma discriminação de gênero. As reféns, mulheres, foram ignoradas (inclusive pelo Ministério Público, que sempre atua cioso dos direitos das vítimas), que preferiram manter a integridade física de um homem que estava cometendo vários crimes contra a ex-namorada. Era um caso em que a atuação policial deveria ser mais incisiva, de forma a proteger as vítimas o máximo possível.

Mas a impressão passada pela mídia à população foi a de que garantir a integridade física do homem era mais importante do que impedir as agressões à ex-namorada, ou impedir que uma refém já libertada, e menor de idade, voltasse ao cativeiro. O resultado também foi típico de crimes relacionados a gênero: o homem saiu ileso; Eloá morreu e Nayara ficou ferida.

13FOLHA ONLINE. *Promotor e advogado dizem que rapaz libertará ex-namorada e amiga hoje em Santo André*. 17 out 2008. Disponível na internet em < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u457399.shtml> >. Acesso em 01 jun 2010.

14FANTÁSTICO. *Instrutor da SWAT critica operação policial: ouça as gravações das negociações*. Disponível na internet em < <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL804859-15605,00.html> >. Acesso em 02 jun 2010.

15PARANÁ ONLINE. *Culpa de todo lado*. 21 out 2008 Atualizado em 20/10/2008 às 20:03:51. Disponível na internet em: < <http://www.parana-online.com.br/colunistas/175/60999/?postagem=CULPA+DE+TODO+LADO> >. Acesso em 20 mai 2010.

16O DIA ONLINE. *Nayara vai esclarecer os disparos no apartamento*. 19 out 2008. Disponível na internet em: < http://odia.terra.com.br/brasil/htm/nayara_vai_esclarecer_os_disparos_no_apartamento_207033.asp >. Acesso em 30 mai 2010.

17TERRA. *Coronel: resultado foi produzido por Lindemberg*. 18 out 2008. Disponível na internet em < <http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI3266850-EI12424,00-Coronel+resultado+foi+produzido+por+Lindemberg.html> > Acesso em 05 jun 2010.



É importante notar que tanto as autoridades quanto os meios de comunicação agiram de forma a desculpar o criminoso, minimizando suas ações e tratando-o como um jovem trabalhador em crise amorosa. Isso não deveria apagar o fato de que estava cometendo um crime para impor sua vontade à ex-namorada.

4 Conclusões

Por que a empatia da mídia foi para o homem, e não para as vítimas mulheres? É praticamente impossível pensar em alguma explicação além de uma cultura feminicida, pois é óbvio que neste caso os homens foram tratados como superiores e mais importantes que as mulheres. Desta forma, acabam legitimando o feminicídio, pois o foco adotado é androcêntrico, procurando reforçar a visão do homem que comete o crime, legitimando-o.

A atuação dos meios de comunicação neste caso foi uma subversão de todos os valores que devem reger a comunicação social, especialmente a dignidade da pessoa humana e a não-discriminação. Programas de televisão não respeitaram sequer a situação delicada das vítimas e interferiram, ao vivo, conversando com alguém que estava cometendo um crime. Como se a situação por si só não fosse absurda, optaram por não condenar a atitude do criminoso, tratando-o o tempo todo como se estivesse agindo corretamente. Lindemberg, feliz por aparecer na televisão e tornar-se celebridade, sentiu-se estimulado e apoiado, optando por estender o cárcere privado até o limite possível, que foi o desfecho trágico.

Com essa postura, os meios de comunicação interferiram nas negociações, estimularam uma inversão de valores que estimula o público a se identificar e defender alguém que está cometendo um crime, e agiram de forma escandalosa, violando o Código de Ética dos Jornalistas¹⁸ (o art.11, parágrafo II, veda a divulgação de informações de caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em casos de crime)¹⁹, desrespeitando inclusive regras básicas para evitar notícias sexistas²⁰.

18FEDERAÇÃO Nacional dos Jornalistas (FENAJ). *Código de ética dos jornalistas*. Vitória, 04 ago 2007. Disponível na internet em < http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf > Acesso em 01 jun 2010.

19VIANNA, Cynthia Semíramis Machado. *Violência contra mulheres incentivada pela mídia*. Observatório da Imprensa, ano 15, nº 509, 28 out 2008.. Disponível na internet em < <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=509FDS002> > Acesso em 15 mar 2010.

20SERIO, Elyana. *Dez regras para uma notícia não sexista*. Observatório da Imprensa, ano 15, nº 512, 18 nov 2008. Disponível na internet em < <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=512FDS010> > Acesso em 15 mar 2010.



Porém, forem além disso ao divulgar, sem fazer críticas ou ressalvas, um discurso que despreza a vontade das vítimas, legitima o feminicídio e dificulta transformações na sociedade que proporcionariam uma vida sem violência para as mulheres.

5 Referências bibliográficas

A TARDE É SUA. *Entrevista de Luiz Guerra com Lindemberg Alves. Entrevista de Sônia Abrão com Ademar Gomes.* Rede TV. out 2008. Disponível na internet em < <http://www.youtube.com/watch?v=NZp3VU1rPWg> > Acesso em 01 jun 2010.

CAPUTI, Jane; RUSSELL, Diana. Femicide: sexist terrorism against women. In: RADFORD, Jill; RUSSELL, Diana (org). *Femicide: the politics of woman killing.* New York: Twayne Publishers, 1992. p.15

FANTÁSTICO. *Instrutor da SWAT critica operação policial: ouça as gravações das negociações.* Disponível na internet em < <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL804859-15605,00.html> >. Acesso em 02 jun 2010.

FEDERAÇÃO Nacional dos Jornalistas (FENAJ). *Código de ética dos jornalistas.* Vitória, 04 ago 2007. Disponível na internet em < http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf > Acesso em 01 jun 2010.

FOLHA ONLINE. *Veja cronologia de caso de jovem que manteve ex-namorada refém em Santo André (SP).* 24 out 2008. Disponível na internet em < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u457514.shtml> > . Acesso em 15 mai 2010.

FOLHA ONLINE. *Outro Canal: TVs disputam entrevista com acusado do caso Eloá.* 06 out 2009. Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u633990.shtml> >. Acesso em 01 jun 2010.

FOLHA ONLINE. *Ooops!: Assassino de Eloá nega entrevista a Cabrini.* 19 out 2009. Disponível na internet em < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u640043.shtml> > Acesso em 01 jun 2010.

FOLHA ONLINE. *Tragédia de Eloá aquece audiência e tira TV do traço, diz coluna.* 21 out 2008. Disponível na internet em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u458381.shtml>> Acesso em 20 jun 2010.

FOLHA ONLINE. *Promotor e advogado dizem que rapaz libertará ex-namorada e amiga hoje em Santo André.* 17 out 2008. Disponível na internet em < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u457399.shtml> >. Acesso em 01 jun 2010.

IZUMINO, Wânia Pasinato. *Justiça e violência contra a mulher: o papel do sistema judiciário na solução dos conflitos de gênero.* 2ed. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2004. p.30-31.

NOVAES, Tereza. *Não fiz nada além do meu trabalho, diz Sonia Abrão.* Folha online, 18 out 2008. Disponível na internet em < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u457780.shtml> > Acesso em 20 mai 2010.



O DIA ONLINE. *Nayara vai esclarecer os disparos no apartamento*. 19 out 2008. Disponível na internet em: <
http://odia.terra.com.br/brasil/htm/nayara_vai_esclarecer_os_disparos_no_apartamento_207033.asp
>. Acesso em 30 mai 2010.

PARANÁ ONLINE. *Culpa de todo lado*. 21 out 2008 Atualizado em 20/10/2008 às 20:03:51. Disponível na internet em: <
<http://www.parana-online.com.br/colunistas/175/60999/?postagem=CULPA+DE+TODO+LADO> >. Acesso em 20 mai 2010.

PESQUISA IBOPE-INSTITUTO AVON. *Percepções e reações da sociedade sobre a violência contra a mulher*. 2009. p.8-10. Disponível na internet em <
<http://www.sepm.gov.br/nucleo/dados/pesquisa-avon-violencia-domestica-2009.pdf> > Acesso em 15 jun 2010.

SEGATO, Rita Laura. *Que és un feminicídio. Notas para un debate emergente*. Brasília: UnB, 2003. p.4-5.

SERIO, Elyana. *Dez regras para uma notícia não sexista*. Observatório da Imprensa, ano 15, nº 512, 18 nov2008. Disponível na internet em <
<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=512FDS010> > Acesso em 15 mar 2010.

TERRA. *Coronel: resultado foi produzido por Lindemberg*. 18 out 2008. Disponível na internet em <
<http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI3266850-EI12424,00-Coronel+resultado+foi+produzido+por+Lindemberg.html> > Acesso em 05 jun 2010.

VIANNA, Cynthia Semíramis Machado. *Violência contra mulheres incentivada pela mídia*. Observatório da Imprensa, ano 15, nº 509, 28 out 2008.. Disponível na internet em <
<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=509FDS002> > Acesso em 15 mar 2010.